

Luto: presença (discurso) ausência (corpo)

Rhafaela Rico Bertolino Beriula*

Resumo

Este ensaio tem o intuito de apresentar e refletir questões acerca da morte e do luto na quarta idade, buscando compreender os efeitos de sentidos que ressoam em fotografias que tratam sobre a temática publicadas no *Instagram*, rede social *online*. Buscar-se-á, como interesse, realçar a materialidade discursiva do corpo no processo sócio-histórico e ideológico de textualização simbólica sobre a morte e seus efeitos de sentir e de sentidos no espaço digital. Essa construção se dará a partir da relação discursiva possível entre a Análise de Discurso pecheutiana e a Psicanálise. Como efeito de fecho, compreendeu-se que, nas materialidades analisadas, a morte, o luto ou o que foi chamado de presença-ausência do objeto perdido, lança efeitos de sentidos que estão constituídos pela exterioridade - historicidade e interdiscurso -, evidenciando o sentido da falta que se discursiviza nos discursos dos sujeitos que ainda vivem. O corpo que não está mais vivo passa a ser representado pela ausência, ou seja, é retomado pela memória afetiva e discursiva, que resiste/existe discursivamente ao ser simbolizado, desse modo, a presença (discurso)-ausência (corpo) aponta para uma dada relação constitutiva dos sujeitos enlutados, o que move o trabalho da memória, colocando em jogo a historicidade e o interdiscurso, ou seja, a exterioridade. Portanto, os efeitos de sentidos indicam que a presença (discurso)-ausência (corpo) significam, o que abre espaço para o trabalho simbólico que funciona na linguagem das materialidades visuais.

Palavras-chave: corpo; luto; Análise de Discurso; Psicanálise.

* Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG Letras) 2018/2020 ofertado pela Universidade do Mato Grosso (UNEMAT) no Câmpus Universitário de Sinop. Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/CAPES). Professora adjunta na UNEMAT-Juara/MT no curso de Licenciatura em Pedagogia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9027-1968>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3646144874581689>.

Mourning: presence (discourse) absence (body)

Abstract

This essay aims to present and reflect on issues related to death and mourning in old age, seeking to understand the meaningful effects that resonate in photographs dealing with the theme published on Instagram, an online social network. The intention is to highlight the discursive materiality of the body in the socio-historical and ideological process of symbolic textualization about death and its effects on feeling and meaning in the digital space. This construction will be based on the possible discursive relationship between Pecheutiana Discourse Analysis theoretical-methodological and Psychoanalysis. As a closing effect, it was understood that, in the analyzed materialities, death, mourning or what was called the presence-absence of the lost object, casts effects of meaning that are constituted by exteriority - historicity and interdiscourse - evidencing the sense of absence that is discursively represented in the discourses of the subjects who are still alive. The body that is no longer alive becomes represented by absence, that is, it is taken up by affective and discursive memory, which resists/exists discursively when it is symbolized, thus, presence (discourse)-absence (body) points to a given constitutive relationship of the grieving subjects, which moves the work of memory, bringing into play historicity and interdiscourse, that is, exteriority. Therefore, the effects of meaning indicate that the presence (discourse)-absence (body) signify, which opens up space for symbolic work that operates in the language of visual materialities.

Keywords: body; mourning; Discourse Analysis; Psychoanalysis.

Recebido em: 12/02/2024 / Aceito em: 23/10/2024

1 O simbólico da finitude

Me achei como aqueles des-heróis de Callais
que Rodin esculpiu: nus de seus orgulhos e
de suas esperanças. Só de camisolões e de
cordas no pescoço. Pesados de silêncio e da
tarefa de morrer.

(Morrer é uma coisa indestrutível.)

Biografia do orvalho
(Barros, [1916] 2010, p. 370)

O período pré-natal, o nascimento, a infância, a adolescência, a fase adulta, a velhice e, por fim, a morte¹ são etapas que compõem o habitual ciclo biológico do desenvolvimento da vida humana, isso quando descartadas intervenções externas, psicológicas e patológicas, que podem interromper tal ciclo antes da chegada na formação etária da velhice. Tais etapas podem não se estabilizarem em pilastras demarcadas, contudo, cada período do ciclo vital da vida humana possui características que definem e subjetivam o sujeito em seu modo de existência (Papalia; Feldman, 2013)².

A única certeza demarcada e estabelecida nesse ciclo é a de que todo ser humano que é concebido em algum momento, morre em outro. Assim, como em um jogo parafrástico e polissêmico, a sentença presente em discursos científicos, religiosos, literários e populares apresentada a seguir é retomada de inúmeros modos e em diversos meios, pode-se aludir, então, que a única certeza da vida é a morte, ela é o acontecimento expectável da vida

1 Essas etapas não necessariamente são definidas por faixas etárias, mas são constituídas e atravessadas pela construção social e cultural de uma determinada sociedade.

2 Papalia e Feldman (2013) apresentam estudos a partir da medicina, psicologia, psicanálise, psiquiatria, biologia, genética, antropologia, sociologia, história, entre outras áreas, com o objetivo de tratar sobre o desenvolvimento humano e os processos de transformação que ocorrem durante o ciclo da vida humana.

humana, sendo que, a comadre Morte³ não pode ser lograda é, como disse Manoel de Barros, indestrutível, é aquela a qual não se pode enganar, mas pode-se confiar, uma vez que ela chega para todos em algum período do ciclo biológico de desenvolvimento humano. É elemento constitutivo da composição de uma sociedade, que coloca em disputa a elaboração conflituosa do nascer, viver e morrer, do passado, presente e futuro. Assim, a chegada da morte pode ser descrita como quando a consciência da finitude da vida anuncia o cumprimento do processo biológico natural e necessário.

O discurso da/sobre a morte e o luto vem chamando a minha atenção, principalmente quando tal temática circunda o ciclo da formação etária da velhice, visto que proponho, na jornada do doutorado, pensar os sujeitos idosos *influencers* no espaço digital e, muitas vezes, a questão da/sobra a morte e o luto fazem parte e se destacam na composição dos discursos desses sujeitos nos espaços das redes sociais, o que leva ao atravessamento e engendramento de efeitos de sentidos no espaço digital. Em uma das minhas buscas de conhecimento sobre a temática do luto e da morte, procurando tatear os rastros de compreensão possíveis sobre esses sujeitos idosos, ao assistir um ciclo de debates sobre a ‘temporalidade, o testemunho e a memória’⁴, o professor Marcio Seligmann — um dos convidados da mesa — fez uma indagação aos participantes do evento: ‘O que resta da morte na velhice?’ Essa pergunta moveu algumas inquietações nesta analista que está em curso e, a partir desse questionamento, me coloco a refletir neste trabalho sobre a questão da morte e do luto

3 Refere-se ao conto ‘Der Gevatter Tod’ dos irmãos Grimm, que na tradução brasileira é conhecido como ‘A madrinha Morte’ ou ‘Comadre Morte’.

4 Ciclo de debates Brasil e Argentina nomeado ‘Temporalidade, testemunho e memória’, com as falas de Fabiana Rousseau (TECME) e Marcio Seligmann (UNICAMP), que ocorreu em 12 de maio de 2022 no Centro Cultural do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (UNICAMP).

— rastros/restos do discurso da/sobre a morte — na quarta idade, tendo como destaque o corpo, buscando interpretar os efeitos de sentidos que ressoam em fotografias singulares. Fotografias essas que se colocam em um movimento pendular entre o abalo e o belo, consideradas materialidades discursivas visuais (Fernandes, 2017), que constituem o *corpos* deste trabalho.

Para tanto, a perspectiva teórica, analítica e metodológica que se toma neste trabalho é a da Análise de Discurso e, colhendo os bons frutos de uma relação que se coloca como produtiva, trago também a Psicanálise, com o intuito de jogar com as interpretações da subjetivação do luto. A materialidade da produção estética e da perda do corpo busca dar forma à perda que um sujeito sofre, tais representações sobre/do luto engendram uma ampla discussão sobre a constituição do sujeito, do sentido, do discurso, do desejo e da paranoia, isso implica, de acordo com Ribeiro (2021), o campo psicanalítico, o que atravessa a sua prática, a sua disciplina e sua ética⁵.

[...] partimos de uma posição materialista sobre o funcionamento da língua e da linguagem em sua relação com a ideologia e com o inconsciente. Compreendemos, desse modo, que a temática do luto é um ponto de (re)encontro possível entre os domínios da AD, da história e da psicanálise. Buscamos discutir as implicações, consequências, modos e possibilidades da subjetivação de uma perda. Essa leitura conduz a uma versão do luto que questiona, por um lado, como o desejo é reestruturado diante de uma perda inassimilável e, por outro, como as nossas relações com a morte são marcadas pela historicidade. (Ribeiro, 2021, p. 234-235).

⁵ “Entre as perspectivas que contemplamos, estão: a) as versões do luto nos trabalhos de Freud e seus desdobramentos na perspectiva lacaniana; b) a relação entre o luto e os processos históricos e políticos, como a colonização e a ditadura; c) a distribuição desigual do luto público, a necropolítica e as narrativas não hegemônicas; e) a constituição, a formulação e a circulação de discursos do e sobre o luto; f) as relações entre o luto e a materialidade da produção estética; e g) o luto como um acontecimento que, na tensão entre memória e atualidade, convoca o sujeito para um ato.” (Ribeiro, 2021, p. 235).

Ainda nesta discussão, incorpora-se nas análises questões sobre a morte e o luto que circundam o ‘ser bio-psico-social’ (Papalia; Feldman, 2013) — o ser de carne e osso — idoso, marcado na classificação da quarta idade, compreendendo que “Toda a vida psíquica está *montada* sobre o biológico” (Althusser, 1985, p. 91, destaque do autor).

As questões desse ‘ser’ podem vir a indicar possibilidades de interpretação sobre o sujeito idoso, mais especificamente, o sujeito da quarta idade — aqui, o sujeito que nos interessa — que se constitui nas dobras das discursividades da história, apresentando-se como materialidade a se fazer e produzir sentidos no funcionamento discursivo. É este sujeito da quarta idade que se fará presente durante a construção do dispositivo teórico-analítico deste texto, ou seja, o sujeito concebido pela Análise de Discurso, que se dobra no contexto sócio-histórico e ideológico e produz sentidos.

Para tanto, através da arte da fotografia ‘O que restou’ de Luisa Clauson e da fotografia nomeada ‘O meu luto’ elaborada por Sandra Ventura, propõem-se uma escrita com o propósito de refletir a pergunta ‘O que resta da morte e do luto na velhice?’ A partir de uma estética fotográfica invisível, aceitamos tentar escutar o que não está lá.

2 A velhice e a morte

Quarta idade, velhice avançada, idoso muito idoso e grande idoso são termos da classificação social e jurídico da saúde utilizados para classificar aqueles que completam 80 anos de idade. Neste trabalho, iremos permanecer com o termo ‘quarta idade’, por ser mais utilizado nos espaços de pesquisas científicas

geriátricas e gerontológicas que se desenvolveram a partir da última década do século XX.

De acordo com Netto e Kitadai (2015, p. 14), os estudos demográficos apontam para um crescimento do número de sujeitos idosos no mundo, o que indica a maior presença dessa temática em estudos científicos e, por consequência, nos meios midiáticos, “[...] a população com 80 anos e mais de idade é a que proporcionalmente tem crescido mais acentuadamente, acarretando alteração na composição desse grupo etário e tornando mais visível a heterogeneidade dessa faixa etária.” Acerca disso, ao discorrerem sobre os diferentes sujeitos da quarta idade, os autores apontam classificações sociais, culturais, políticas, econômicas e patológicas que fazem com que esse grupo seja heterogêneo. Nada obstante, a chegada da quarta idade é um indicativo de alerta sobre o irreversível do limite biológico humano, o que leva à condição de cuidado maior que, em consequência, acarretam para a consciência da finitude, da proximidade da morte (Netto; Kitadai, 2015) (Papalia; Feldman, 2013). Desse modo, compreende-se que as etapas do ciclo vital da vida humana indicam evidências subjetivas que constituem o indivíduo em sujeito, interpelado pela ideologia e o inconsciente (Pêcheux, [1975] 1995)⁶.

Acerca disso, faz-se interessante retomar Baldini quando diz que,

[...] a questão do homem enquanto entidade, unidade ou essência deixa de fazer sentido, porque o que existe são homens concretos investidos de uma forma-sujeito, ou seja, o que define como Homem nada mais é do que o próprio processo de sujeição à História. Não há

⁶ Aqui, faz-se referência aos conceitos de sujeito e subjetividade presentes na constituição do trabalho de Michel Pêcheux, que possui suas três regiões de articulação - materialismo histórico, linguística e teoria do discurso - “[...] atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 164), do campo lacaniano.

uma anterioridade subjetiva sobre a qual se aplicam as determinações históricas, a subjetividade é exatamente esse processo constante e histórico de constituir indivíduos em sujeitos. (Baldini (2013, p. 194).

O ciclo da vida humana faz parte do campo individual, coletivo e institucional, o que marca uma produção sempre subjetiva do sujeito. Este, o sujeito, independente de qual parte do ciclo de desenvolvimento humano que se encontra, é constituído a partir da relação com o outro-Outro, sempre interpelado pela ideologia e, também, é sempre já sujeito à sua condição biológica, pois é marcado com o “[...] toque da morte cuja marca ele recebe em seu nascimento [...]” (Lacan, 1998, p. 348).

É a partir dessa relação com o outro-Outro que o sujeito sabe sobre a morte, pois vê essa condição atestada no outro, pela perda do outro. É como se houvesse um ponto que define a finitude da vida e que todos sabem qual é - a morte -, e isso desponta para a infinitude de algo ‘*ça parle*’, que já está lá, já-dado, já-dito, assim, pode-se considerar que as relações do sujeito com a morte tem uma constituição sócio-histórica e ideológica⁷ pois, há uma historicidade constituída dos sentidos sobre a morte que se inscrevem na memória discursiva e que ressoam no interdiscurso permitindo que as formações discursivas se construam, reconstruam e se desloquem historicamente (Pêcheux, [1975] 1995) através da observação do outro.

[...] para o sujeito, a realidade de sua própria morte não é nenhum objeto imaginável, e o analista, como qualquer outro, nada pode saber dela, senão que ele é um ser prometido à morte. Portanto, supondo-se que tenha

⁷ No que Pêcheux ([1975] 1995, p. 161, destaque do autor) chama de ‘domínios de pensamento’, “[...] sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito, *com*, simultaneamente, aquilo que lhe é dado ver, compreender, fazer, temer, esperar, etc. É por essa via, [...] que todo sujeito se “reconhece” a si mesmo (em si mesmo e em outros sujeitos) [...]”

reduzido todos os artifícios de seu Eu para chegar ao “ser-para-a-morte”, nenhum outro saber, quer imediato ou construído, poderá ter sua preferência para que ele o transforme num poder, mesmo que não seja abolido por isso. (Lacan, 1998, p. 351).

Nesse sentido, a morte cumpre papel nesse jogo do ciclo da vida e no jogo do funcionamento discursivo, sendo aquela que define o ser como o ‘ser-para-a-morte’, a que conduz para ‘a realidade da morte’, uma vez que esta é o ‘mestre/senhor absoluto’ (Lacan, 1998) e, na quarta idade, a morte se costura na certeza do esperado.

Faz-se interessante destacar que, o real da morte aponta para o impossível, ou seja, algo que não se tem como representar/simbolizar pois, desmancha/descostura, não foi marcado/simbolizado pelo significante, não se registra a representação da morte no inconsciente, “o buraco da perda no real mobiliza o significante [o simbólico]” (Lacan, 1986, p. 75). O real está do ‘lado de lá’, impossível ao toque, pois quando se fala da morte ela não é a nossa, mas a do outro.

Assim, o que nos resta são rastros do real, efeitos, que podem vir a ser interpretados; nas palavras de Pêcheux ([1998] 2008, p. 43), “[...] um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.” Desse modo, o efeito simbólico da finitude se significa nos discursos como um modo de produzir algo sobre o real inalcançável do corpo não existente e, esse algo, pode ser tocado pelo processo de luto, resto/rastro da morte.

3 Luto

Quando meu Vô morreu caiu em silêncio
concreto sobre nós.
Era uma barra de silêncio!
Eu perguntei então a meu pai:
Pai, quando o Vô morreu a solidão ficou destampada?
Solidão destampada?
Como um pedaço de mosca no chão.
Não é uma solidão destampada?

Caderno de aprendiz
(Barros, [1916] 2010, p. 460).

O afeto vazio. A sensação de silêncio. O facho de sombra. O sentimento do fim. “A solidão destampada”, como elabora Manoel de Barros. Quando o sujeito que não está mais entre os vivos adquire o estatuto de um objeto perdido/desaparecido na realidade.

O trecho da poesia e as frases citadas no início deste tópico gestam sobre a morte e se afeiçoam ao sujeito que passa a se circunscrever no espaço do luto, refletem e reproduzem as relações socio-históricas e ideológicas presentes na sociedade, ou seja, a forma como a morte é representada em diferentes contextos discursivos revelam marcas ideológicas e as relações de poder subjacentes, marcadas pela historicidade, o que marca o sujeito.

De acordo com Ribeiro (2021), essa discussão sobre a constituição do sujeito, do sentido, do discurso, do desejo e da paranoia, implica o campo psicanalítico, uma vez que, o desconhecido que envolve o Outro toma em partes o sujeito constituído socio-histórico e ideologicamente, assim, a perda para um sujeito é algo que falhou e essa fenda, na maioria das

vezes, se abre no discurso para representar o inconsciente. De acordo com (RIBEIRO; et al., 2018, p. 240), destaque do autor), “A experiência do luto tem como princípio a **paranoia**.”, já que as questões da paranoia resultam em situar o sujeito em um plano que não é o da compreensão real, ficaria, mais precisamente, entre o imaginário e o real.

Segundo Freud, o objeto (pois o luto envolve uma questão de investimento de libido objetal) já se torna inexistente imediatamente após a morte de um ente querido, mas isso não impede que haja a manutenção do objeto perdido através de uma psicose alucinatória de desejo¹² (PAD), pois o sujeito geralmente não deixa uma posição de investimento libidinal tão facilmente. O enlutado acredita “encontrar, num momento e num lugar imprevisito para ele, (...) exatamente o ser que acaba de morrer” (Allouch, 2004, p. 71). No entanto, essa experiência de reconhecimento não dura mais que o tempo de uma alucinação. Isso acontece, em primeiro lugar, porque o morto inicialmente detém um estatuto de desaparecido. Em segundo lugar, ocorre uma relação de identificação de um traço do objeto perdido pelo enlutado. O objeto prossegue existindo psiquicamente, pois a realidade não pode dar provas definitivas de que o objeto perdido não existe mais. [...] Dessa forma, nada do que o serviço oferece é capaz de sanar (pelo imaginário ou pelo simbólico) o buraco da perda no real. (Ribeiro; et al., 2018, p. 344-345).

O luto pode ser caracterizado como um resto/rastro da morte, pois no que se perde resta um rastro na memória afetiva e discursiva, demarca (des)construindo uma presença-ausência subjetiva do corpo material e, por isso, tem relação com o discurso. Desse modo, “Ao pensarmos a noção de corpo, enquanto **corpo discursivo**, não empírico, não biológico, não orgânico, o estamos propondo como um objeto discursivo, como materialidade que se constrói pelo discurso [...]” (Leandro-Ferreira, 2013, p. 78, destaque da autora).

A perda de um ente querido que ocupa e se significa na classificação da velhice é um acontecimento expectável, ainda mais quando esse sujeito chega ao marco da quarta idade. Mas, mesmo sendo esperada, o simbólico da finitude produz efeitos, deixa restos/rastros presentes na história a partir daquilo que podemos discernir como: presença (discurso)-ausência (corpo), assim “[...] se o sentido é histórico, o sujeito também o é, já que se constituem mutuamente.” (Fernandes, 2017). A fantasmagoria paranoica do luto perpassa pela ausência de um corpo e de uma alma, caminha pelo plano do imaginário apresentando valor apenas enquanto simbólico.

Diante disso, apresenta-se as fotografias.

Imagem 1 - Fotografia ‘O que restou’



Fonte: Luisa Clauson (2020).

Luisa Clauson, jovem fotógrafa brasileira, propõe trabalhar com o sublime, o abstrato e o surreal, perguntando-se ‘O que dói? O que traz prazer?’ através das artes plásticas e da edição digital que são possíveis de se representar na fotografia, para assim apresentar o que não está lá, o que não se entende. Ao comentar sobre uma série de fotografias que fez sobre o luto e a morte, o que inclui a construção da fotografia apresentada acima, a fotógrafa relata que houve um momento de não inspiração: “O ápice do meu bloqueio foi no falecimento de meu avô. Ele era um artista não-nomeado, marceneiro e apaixonado por cinema. Uma grande perda para o mundo, principalmente o meu.” (Clauson, 2020, s.p), depois conclui relatando que “Com ele, morreram meus poemas e meus desenhos. Morreu a fotografia como eu conhecia naquela época. Morreu tudo o que eu sabia sobre dor e renasceu um grande nada, que durou 5 anos.” (Clauson, 2020, s.p).

Tomando a fotografia enquanto imagem e a imagem como linguagem, tal como materialidade discursiva (Fernandes, 2017), pode-se ousar interpretar a partir de uma leitura discursiva que o corpo, nesse caso, a falta do corpo que gera o luto se expõe ao olhar da fotografia sob a visão e a vivência da fotógrafa, em que a posição do sujeito enlutado e sujeito artista fotógrafa provocam o efeito de que o corpo principal de destaque da fotografia não está ali, pois morreu. O corpo presente (mulher) torna-se imagem singular de segundo plano, atestando o sentimento do sujeito enlutado, que busca ‘segurar/tocar’ o sujeito principal da fotografia que não está ali como corpo ‘tocável’. A posição do sujeito presente na fotografia impressa que está de frente para o observador da foto, mas conforme se observa, a mulher está de costas, essa trapaça joga com os sentidos de frente/trás,

mobilizando o funcionamento de uma temporalidade que retoma o colidente do presente e passado.

O movimento pendule sobre a interpretação da vida e da morte funcionam na fotografia da mesma forma que o jogo de luz mexe como nosso olhar, propiciando o efeito de sentido antagônico de claro/escuro, luz/escurecimento, vida/morte. O espaço entre esse jogo de luz aponta o vazio, a cadeira que em outra hora tinha um ocupante, agora atesta a interrupção da presença de um corpo que passa a significar com o silêncio e com o vazio, perguntando-se ‘o que restou’?, que se discursiviza na memória afetiva e discursiva. O que está presente é a memória discursiva de um corpo, por isso presença (discurso)-ausência (corpo).

Os cabelos grisalhos, as mãos enrugadas e a cadeira com aspectos de envelhecida na madeira e nos tecidos, mobilizam os sentidos de ‘velho’, que nos direcionam para a questão da morte na velhice. A materialidade significativa da imagem aponta para a historicidade que se constitui, o imbricamento entre a fotografia, a fotógrafa e a vida pessoal da artista indica o funcionamento da historicidade da materialidade visual e sua implicação nos diferentes processos de interpretação sobre o luto. É a partir dos traços visíveis e invisíveis na fotografia e do relato de Luisa Clauson que se pode ler o luto e a morte na materialidade visual apresentada, o sujeito principal da cena que não está ali, o que remonta para um cenário sobre sujeitos idosos da quarta idade, aparece como perdido/intocável, nos remetendo a uma falta constitutiva que determina e historiciza o trajeto de subjetivação.

Antes de apresentar a segunda fotografia, é interessante pontuar que não nos cabe aqui buscar esgotar os sentidos das imagens, já que nas fotografias, há muitos outros pontos de derivas possíveis de interpretações e, até mesmo, porque esses

sentidos são inesgotáveis. De acordo com Fernandes (2017, p. 89, destaque da autora), “O *real da imagem* se identifica com o *real da língua*, uma vez que, se o real da língua é o “Impossível de dizer tudo” ou ainda “o impossível de não dizer de certa maneira”, o *real da imagem* seria o *impossível da representação exata* [...]” Assim, o que se propõe é o gesto interpretativo que possibilita a teorização discursiva do objetivo e do *corpus* deste trabalho.

Imagem 2 - Fotografia ‘O meu luto’



Fonte: Sandra Ventura (2019).

Sandra Ventura, fotógrafa portuguesa, assina a segunda materialidade visual aqui exibida. Realiza diversos ensaios, mas seu projeto pessoal e social é a fotografia sénior, para isso, percorre Portugal buscando registrar, ou como ela toma em entrevistas e em suas redes sociais, ‘captar’ imagens de sujeitos idosos que vivem em instituições de ancionato, com o intuito de ‘captar fragmentos de momentos que não voltarão!’

A fotografia de Sandra Ventura tem como descrição ‘O meu luto está para além deste xaile preto’ (Ventura, 2019). Capta a imagem de uma mulher na quarta idade enlutada pelos lutos da vida e do seu próprio luto antecipado, pois assim como caracterizam-se os sujeitos da quarta idade, o sujeito na foto sabe que a sua finitude se aproxima, o que pode ser representado pelo olhar da senhora, o olhar sobre o nada, mas que indica rastros da incerteza sobre o futuro certo. Olhar quase palpável que demonstra o luto, o silêncio dos outros que se foram e o silêncio daquilo que não pode ser representado discursivamente.

O jogo da luz também é utilizado, mas nesta fotografia pode-se interpretar que a luz — no centro da fotografia, iluminando o rosto da idosa — simboliza a vida que ainda pulsa, o funcionamento de um sujeito que ainda vive, a presença de um corpo, mesmo rodeado pela escuridão do luto que envolve o sujeito e o xaile, e que se aproxima lentamente daquilo que ainda vive biologicamente.

O xaile, para além das tessituras de toque e cor do tecido, tece sentidos no fio do discurso, pois é imagem que simboliza o(s) luto(s). O xaile é tocável, mas discursiviza aquilo que não pode ser simbolizado, indica a presença (discurso)-ausência (corpo) de sujeitos outros que se historicizaram e continuam lançando efeitos de sentidos sobre o fio da vida da idosa. Diante disso, pode-se recorrer a Dunkerr (2019, p. 39), quando escreve que o “Luto é complicado, porque ele nos coloca nessa dimensão do infinito. O luto de um, vira o luto de todos nós, dos que já foram, dos que estão e dos que virão.”

De acordo com Fernandes (2017), o dispositivo da fotografia, materialidade visual, oferta a possibilidade de compreender o funcionamento da prática discursiva das fotografias na

manifestação da linguagem, isso é possível pois a linguagem que se manifesta com a interpretação é direcionada pelos sentidos postos ideologicamente, recalcada pelo inconsciente. Mas faz-se necessário delimitar que a foto é fragmento/recorte do que se pretende trabalhar e não sua simbolização completa. Deste modo, pode-se entender que as fotografias aqui apresentadas possuem o papel fundamental de lembrar o que foi perdido e também o que será perdido - luto antecipado pelo próprio sujeito da quarta idade - para cada sujeito, e essa perda provoca aquilo que se chama luto. Luto antecipado, pré-morte, o antes do fim, quando a consciência da finitude da vida anuncia o cumprimento do processo biológico natural da vida humana.

As fotografias de Luisa Clauson e de Sanda Ventura despertam sentidos sobre o sujeito presente, o sujeito que está ausente e o luto. Nas duas materialidades visuais, o corpo, nesse caso, a falta do(s) corpo(s) que gera o luto, se expõe ao olhar da fotografia e textualizam sentidos sobre o que estamos chamando aqui de presença (discurso)-ausência (corpo), noção essa que pode ser compreendida a partir do conceito de ‘objeto perdido’.

Podemos buscar compreender mais sobre isso a partir de Freud ([1925] 1980) e Lacan (1998). Em uma das textualizações sobre a questão do perdido, Freud ([1886-1889] 1980, p. 150, grifo nosso) escreve que “O afeto correspondente à melancolia é o luto - ou seja, *o desejo de recuperar algo que foi perdido.*” Este objeto que se perde é, para Freud ([1925] 1980), o único objeto verdadeiramente insubstituível para o ser humano, e quando ele se refere ao perdido, não está tratando de algum objeto perdido em um fundo de gaveta, ele se refere a aquilo que não irá se ter na realidade da vida. Um objeto de desejo já/sempre perdido.

Trabalhando de forma mais profunda na noção de objeto perdido de Freud ([1925] 1925), Lacan (1998)⁸ conclui que o objeto perdido coloca em jogo o sujeito, o objeto perdido e o Outro⁹, estabelecendo, assim, possíveis níveis sincrônicos, que são o real, o simbólico e o imaginário. Para Lacan,

[...] o que está escondido nunca é outra coisa senão aquilo que falta em seu lugar [...]. É que só se pode dizer que algo falta em seu lugar, à letra, daquilo que pode mudar de lugar, isto é, do simbólico. Pois, quanto ao real, não importa que perturbação se possa introduzir nele, ele está sempre e de qualquer modo em seu lugar, o real o leva colado na sola, sem conhecer nada que possa exilá-lo disso. (Lacan, 1998, p. 28).

O luto faz funcionar na psique a pulsão pendule da morte e da vida, sentidos esses que funcionam nas fotografias com os sujeitos da quarta idade. Nesse funcionamento, o sujeito que vive o luto passa da passividade da experiência de saber sobre a morte como fato biológico e expectável para uma posição em que experimenta, vive essa atividade de vulnerabilidade pelo outro, a falta provocado pelo desejo. Assim, “[...] a negatividade do discurso, na medida em que faz existir o que não está ali, remete-nos à questão de saber o que o não-ser, que se manifesta na ordem simbólica, deve à realidade da morte.” (Lacan, 1998, p. 381).

É interessante destacar que, de acordo com Lacan (1998) esse estatuto da finitude pelo simbólico do luto instaura uma posição subjetiva que se marca em um primeiro momento de

⁸ Destaca-se que, ao se aprofundar nas leituras de Freud, Lacan estabelece críticas aos estudiosos pós-freudianos que deixaram de lado alguns textos freudianos sobre a questão do objeto, entre outras noções, o que muitos nomeiam de um grave desvio teórico. Deste modo, Lacan retoma pontuações de Freud e desloca novas significações no campo da psicanálise.

⁹ Para Lacan, o inconsciente é o discurso Outro, para Pêcheux, o Outro é o que dá lugar ao exterior da voz social que interpela ideologicamente o indivíduo em sujeito e “[...] determina a formação discursiva em questão.” (Pêcheux, [1975] 1995, p. 173), uma vez que “[...] o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados [...]” (Pêcheux, [1975] 1995, p. 133, destaque do autor).

alguma forma no sujeito - que pode ser não necessariamente o luto concebido pela morte de outro -, retornando de maneiras outras durante a vida, mas nunca como a primeira, desse modo, “[...] o luto não é só um evento, o luto é um modo de subjetivação, é um modo de relação com o outro permanente. Então, nós estamos permanentemente em luto, porque permanentemente temos que nos haver com a perda de ideais, ideias abstratas e coisas congênitas.” (Dunkerr, 2019, p. 32).

Acarne do indivíduo morre, mas o corpo do sujeito marcado socio-histórico e ideologicamente pela linguagem continua trabalhando no espaço simbólico (Lacan, 1998). Trabalha, justamente, pois está entrelaçado interdiscursivamente e intradiscursivamente em outros corpos - vivos - que continuam a produzir efeitos de sentidos. Esse entrelaçamento que o luto produz torna o sujeito, mesmo depois de morto, como um corpo que continua a ressoar sentidos e, deste modo, passível de ser um lugar de inscrição, “O corpo não seria, assim, um *a priori*, uma dádiva da natureza, mas o resultado de um processo de construção que se dá pelo discurso e no discurso. Daí ser efeito de linguagem, ou ainda, efeito de discurso” (Leandro-Ferreira, 2013, p. 80).

Pode-se compreender que o luto possibilita que o sujeito morto continue a ser determinado, pois ele ocupa um espaço na sociedade, em uma determinada cultura e continua, de certo modo, produzindo efeitos de sentidos - em espaços sociais e institucionais, uma vez que, se “No nosso mundo prenhe, prevê-se um lugar para o nascimento, chega-se até a prever um lugar para a previsão do nascimento: “prospectiva”. (Althusser, 1985, p. 51), há também o lugar e o espaço que o corpo ocupa na morte, no luto, pois desde sempre somos já ‘sujeitos’ pela lei

da cultura, pela lei do Estado, que injeta a passagem do existir biologicamente para o existir humanamente em uma sociedade (Althusser, 1985).

A morte de um ente querido, a única que podemos experimentar durante o tempo em que vivemos, seria responsável por colocar essa dimensão de sofrimento ao sujeito que o levaria a uma tomada de posição: o próprio ato que inaugura a posição desejante, ou seja, o modo de estruturar a relação do sujeito com o mundo, no qual o objeto que se esvai com a perda de alguém é tomado como desde sempre perdido e como o próprio objeto causa de desejo. (Ribeiro; et al., 2018, p. 339).

Deste modo, de acordo com Lacan (1998, p. 471), “[...] o homem, desde antes de seu nascimento e para-além da morte, está preso na cadeia simbólica, a qual fundou a linhagem antes que nela se bordasse a história [...]”, assim, o reconhecimento simbólico da finitude na quarta idade que o luto engendra se encontra com um novo modo de produção que se materializa, agora, em um objeto de desejo, de falta, que não está mais entre os vivos, mas continua ‘vivendo’ discursivamente pois a partir dos discursos sobre ele, trabalha o simbólico.

4 Efeito de fecho

O corpo na cama,
O quarto nas trevas
E o rádio que não deixava
Que não deixava pensar
Que alguém estivesse morrendo

O amoroso balbucio no portão
Ante o elefante de ficus
E o filho de fazendeiros
Que captava os movimentos primos

Ia até a infância e voltava.
(O pai deu um olhar pelos campos
E disse: — Vai ser aqui.
E fincou uma estaca no lugar.)

Noturno do filho do fazendeiro
(Barros, [1916] 2010, p. 41).

Ao procurar compreender os efeitos de sentidos que ressoam em fotografias que tratam acerca da morte e do luto na quarta idade, interpretamos que o corpo, a ausência do corpo, a morte e o luto, representados nas fotografias - materialidades visuais que formaram o *corpus* do trabalho -, fazem funcionar os movimentos da memória afetiva e discursiva. Os efeitos de sentidos que ressoam indicam que o que está ali e o que também não está nesses efeitos significam, assim, abrem espaço para o trabalho simbólico que funciona na linguagem das materialidades visuais.

Logo, nesse efeito de fecho de conclusão, é perceptível que as fotografias jogam com efeitos pendulares, criando interpretações sobre a vida e a morte na quarta idade, em que o simbólico do luto — e o luto antecipado, no caso da fotografia 2 — funciona como tensão que tenciona o sentimental e o discursivo nos sujeitos, ou seja, o inconsciente — elemento interno ao sujeito, que lança restos/rastros no consciente, mostra a relação que ocorre entre as partículas do exterior e do interior que são constitutivas de todo e qualquer sujeito. Desse modo, as fotografias nos conduzem a questionamentos que, mesmo sendo tratados brevemente aqui, não serão esgotados, pois agita sentidos para além dos limites da Psicanálise e da Análise de Discurso.

Pensar e escrever sobre a morte, o luto e o luto antecipado na quarta idade é terreno profundo, pois passa-se a movimentar sentidos sobre sujeitos que, além de se constituírem pelos

discursos da morte e do luto, se aproximam da própria morte. Isso conduz a reflexão de que o simbólico da finitude em seu real não é conhecido pelo inconsciente, mas a perda do outro é constatada pelo sujeito. Diante disso, a morte é tomada como simbólica nas perdas que vão se constituindo no fio da vivência do sujeito da quarta idade, e o processo de luto é consequência desse objeto perdido, rastros/restos do outro que morre.

Alguns dizem que o processo do luto pode terminar em algum momento, mas será? Se, como retrata Durkerr (2019), o luto é sentindo permanentemente, estaríamos desde sempre sendo constituídos pelo luto e pelos sentidos da morte? Para Ribeiro (2021, p. 232), “[...] o ato de subjetivação de uma perda se relaciona com as abordagens da AD, como o assujeitamento e a relação entre acontecimento, sujeito e ato.” As fotografias apresentadas provocam tais questionamentos, incluindo o enigma da presença-ausência do objeto perdido, de um corpo que não está mais aqui, mas continua a lançar efeitos de sentidos, pois está constituído pela exterioridade - historicidade e interdiscurso - que se evidencia no sentido da falta e se discursiviza nos discursos dos sujeitos que ainda vivem. Um corpo que retorna pela memória afetiva e discursiva, que resiste/existe discursivamente ao ser simbolizado. Assim, o que chamamos de presença (discurso)-ausência (corpo) neste trabalho apontou para a relação constitutiva dos sujeitos enlutados, trabalho da memória que põe em jogo a historicidade e o interdiscurso, ou seja, a exterioridade.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

BALDINI, Lauro. *Sujeito e subjetividade: psicanálise análise de discurso*. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (org.). *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 191-202.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, [1916], 2010.

CLAUSON, Luisa. *O que restou*. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKzrWD3nunk/> - <https://lardalily.com.br/>.

DURKERR, Christian Ingo Lenz. Teoria do luto em psicanálise. *Revista Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>.

FERNANDES, Carolina. *O visível e o invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagens*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. A negativa. In: FREUD, Sigmund. *O ego e o Id e outros trabalhos 1923-1925*: edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 19. Rio de Janeiro: Imago, [1925] 1980. p. 139-143.

FREUD, Sigmund. Rascunho G: melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos 1886-1889*: edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 19. Rio de Janeiro: Imago, [1886-1889] 1980. p. 150-154.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *Hamlet por Lacan*. Tradução Vera Ribeiro. Campinas: Escuta/Liubliú, 1986.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. *Revista eletrônica de estudos do discurso e do corpo*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697>.

NETTO, Matheus Papaléo; KITADAI, Fábio Takashi. Desafios da longevidade: a quarta idade. In: NETTO, Matheus Papaléo; KITADAI, Fábio Takashi. (org.). *A quarta idade: o desafio da longevidade*. São Paulo: Editora Atheneu, 2015. p. 13-24.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. 12 ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, [1998] 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani; et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-250.

RIBEIRO, Thales de Medeiros; et al. Luto e terror: lado A/lado B. *Revista de Letras JUÇARA*, Caxias, v. 02, n. 01, p. 332 – 352, jul. 2018. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1602>.

RIBEIRO, Thales de Medeiros. O luto e a análise do discurso. In: FLORES, Giovanna Benedetto (org.) et al. *Discurso, Cultura e Mídia: pesquisas em rede*. v. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 225-236.

VENTURA, Sandra. *O meu luto*. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzJHiGdFB3h/>.